

**O BOM SOBERANO E SEU LEGADO: TRADUÇÃO DA
FONTE “SOBRE A MORTE DE EDUARDO III”**

THE GOOD RULER AND HIS LEGACY: TRANSLATION OF
THE SOURCE “ON THE DEATH OF EDWARD III”

EL BUEN SOBERANO Y SU LEGADO: TRADUCCIÓN DE LA
FUENTE “SOBRE LA MUERTE DE EDUARDO III”

*Fernando Pereira dos Santos**

Jean le Bel, o cronista flamengo que acompanhou a expedição liderada por Edward Plantagenet¹ (1312 - 1377) contra os escoceses em 1327, aponta um dito notadamente sabido pelos ingleses daquele momento: “desde os tempos do rei Arthur, no interstício entre dois reis valorosos, sempre houve um com menos sabedoria e bravura” (BEL, 2012, p. 22). Quando da ascensão ao trono de seu sucessor, Richard II (1367 - 1400), um clima de incerteza sobre os rumos dos conflitos contra seus inimigos insulares e continentais, isto é, escoceses e franceses, toma conta da sociedade inglesa, ou ao menos assim retratam relatos diversos produzidos para a nobreza, sendo um deles o poema “Sobre a Morte de Edward III” (*On the Death of Edward III*).

* Doutorando em História na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Franca, SP, Brasil. E-mail:fernando_trad@yahoo.com.br

Sob os parâmetros coetâneos, Edward, o terceiro daquele nome desde a chegada de William, o Conquistador², encaixava-se perfeitamente na descrição de um monarca ideal: praticava a prodigalidade, governava o reino com justiça e gozava de prestígio dentre seus pares (BEL, 2012, p. 78). No entanto, todas essas características não se dissociavam daquela enfatizada pelos cronistas contemporâneos como o elemento central para a construção de uma figura régia apta para o exercício de suas funções: a disposição para a guerra e a defesa dos interesses da comunidade do reino.³ Sob seu governo, instaurado após a vitoriosa insurreição contra seu pai, Edward II, e liderada conjuntamente por sua mãe, a rainha Isabella (1295 – 1358) e o conde Roger Mortimer (1287 – 1330), os ingleses alcançaram vitórias grandiloquentes que abriram as portas para um período de expansão territorial, enriquecimento de sua nobreza e a possibilidade da realização de grandes feitos de armas por seus conterrâneos. Nesse sentido, observaram-se a derrota de David II (1324 – 1371), rei dos “revoltos” escoceses (THE CHRONICLE, 1913, p. 116), que há décadas pilhavam e queimavam as regiões ao norte da Inglaterra; e de Jean II (1319 – 1364), rei da França, que fora trazido cativo à Londres de modo triunfal sob os olhares curiosos de seus habitantes (CHRONICON, 2008, p. 35 – 36). Além disso, o reino inglês, que em meados da década de 1330 resumia-se a parte centro-meridional da ilha da Bretanha, expandiu-se a ponto de ocupar boa parte do território francês, com possessões na Aquitânia, Gasconha, além das conexões com os flamengos, espanhóis e o Sacro Império.

Visto por esta ótica, Edward III foi pintado, tanto contemporaneamente quanto em períodos posteriores a sua morte, como um monarca realizador de grandes feitos, e é justamente a exaltação de seu legado o tema a ser explorado no poema, cujo tom panegírico lamenta não apenas o seu decesso, mas também a situação político administrativa em que se encontrava a Inglaterra. Se após a assinatura do Tratado de Brétigny, em 1360, os ingleses observam o reinício dos conflitos e perda de territórios continentais, uma resposta contra as ações do inimigo são esperadas, uma vez que traria benefícios caso fosse “realizada virtuosamente e legitimamente para o proveito da comunidade do reino” (GRAY, 2005, p. 111). Após décadas de ressoantes derrotas impostas aos escoceses e franceses, os ingleses é quem passaram a se tornar alvo de seus inimigos. Mais do que isso, a expectativa de que o jovem Richard II herde as qualidades guerreiras e administrativas de seu avô transparece nas palavras do escritor anônimo responsável pelo poema “Sobre a Morte de Edward III”, texto aquele em que observa-se um contraste marcante com registros da história que vinham sendo produzidos décadas antes. Os segundos, de forma geral, destacavam os grandes feitos de armas e o poderio inglês sobre outros reinos⁴ (GRANSDEN, 2000, p. 60), enquanto que o primeiro, “Sobre a Morte de Edward III”, apresenta um tom lamurioso e nostálgico em relação aos tempos de outrora.

Sua data de composição não pode ser delimitada com clareza, mas não se torna impossível supor que o poema tenha sido escrito entre 1377, ano da morte de Edward III, e meados da década de 1380, período de ascensão de Richard II. O responsável por aqueles versos pretende que o então rei, comparado a um ramo da prodigiosa árvore Plantageneta, seja capaz de realizar feitos de armas assim como seu antecessor, além de tornar-se “renomado e conhecido

como um conquistador em muitas terras”. Ao longo de suas linhas, Edward III é equiparado a um leme responsável por guiar um barco, ou seja, o reino da Inglaterra, que atravessa todas as intempéries e supera obstáculos, em uma clara alusão ao período de frequentes vitórias contra os franceses. Desse modo, também podemos conjecturar, levando-se em consideração o conturbado período até a deposição de Richard II, de que se trate de um texto produzido por aliados interessados na construção de uma memória virtuosa e com ênfase na legalidade de suas ações, pois ao serem destacadas as qualidades guerreiras e administrativas de Edward III, demonstra-se a reputação da linhagem de onde provém Richard II, do qual se esperaria nada menos do que a emulação de tais características (GIVEN-WILSON, 2004, p. 57-78).

De qualquer forma, a presente tradução visa apresentar um texto que parece ter recebido pouca atenção de especialistas no mundo anglófono, pois até onde apuramos sua única edição foi publicada ao final do século XIX. Seu editor, Thomas Wright, aponta para a existência de dois manuscritos: um em Middle English, presente no British Museum e rotulado como MS. addit, No. 22.283, fol. 132, r^o, e outro em latim, disponível na Bodleian Library e denominado MS. Vernon, fol. 410, v. e ambos têm por dentro suas características marcantes a alta similaridade quando cotejados, o que indicaria, senão uma autoria única, ao menos que são produtos de um mesmo escriba (WRIGHT, 1859, p. 215). A tradução que apresentaremos logo a seguir foi realizada a partir do texto presente no manuscrito British Museum, comparando-o com uma tradução recente para o inglês moderno feita por George Tuma e Dinah Hazell, ambos ligados ao departamento de Língua Inglesa da Universidade de São Francisco.⁵

Tradução do texto:

Ó, meu Deus, por que razão todas as coisas decaem e acabam-se?

A amizade não é nada além de uma vaidade, que não prolonga-se por mais de um dia.

Eles são tão traiçoeiros ao julgarem, tão ávidos para possuírem, tão relutantes para retardarem, e tão instáveis em sua fé; o que é raramente visto logo é esquecido.

Não faço tal afirmação sem motivos, e, por conseguinte, considere diligentemente, pois caso interprete bem essa sentença, eu garanto que vossos corações sangrarão ao ponderarem sabiamente sobre a seguinte questão: ele que foi nossa maior ventura é raramente visto e logo esquecido.

Há algum tempo tínhamos um navio inglês⁶, nobre e torreado⁷; ele era temido por toda a cristandade. Ele permaneceu forte em cada agitação e resistiu à procelas e outras tormentas, grandes e pequenas. Agora aquele o navio que carregava a flor⁸ raramente é visto e logo esquecido.

Havia um leme naquele navio que o conduzia e o governava; não há outro como ele neste mundo a meu ver. Enquanto o navio e o leme estavam amarrados um ao outro, eles não temiam nenhuma tempestade, seca ou chuva. Agora eles estão despedaçados – aquilo raramente visto logo é esquecido.

Aquele navio navegou ondas cortantes e explorou todos os mares em aventura; a ele nunca faltou brisa ou barlavento enquanto o leme resistiu. Estivesse o mar bravio ou calmo, aquele navio encontrou bons ancoradouros. Agora aquele navio, e disto tenho certeza, raramente é visto e logo esquecido.

Posso comparar este bom navio ao cavaleirismo desta terra. Compreendo que eles vilipendiavam toda a França. Eles tomaram e aniquilaram por suas próprias mãos o poder da França, tanto de grandes como de pequenos⁹, e trouxeram o rei para permanecer cativo, e isto agora é logo esquecido.

Aquele navio possuía um mastro firme, além de uma vela grande e forte, e por isso nunca receava empreender uma carga¹⁰. Uma barçaça pertencia a ele, que não se importava com a França. Para nós, ele era um escudo confiável, e agora ele foi completamente esquecido.

O leme não era nem um carvalho nem um olmo¹¹; era Edward III, o nobre cavaleiro. O príncipe, seu filho, carregou seu elmo¹², que nunca foi derrotado em batalha. O rei o conduziu e remou corretamente, para que o príncipe nunca nada temesse. Agora pensamos muito pouco sobre ele; pois aquilo que raramente é visto logo é esquecido.

A ligeira barçaça era o duque Henry¹³, o nobre e experiente cavaleiro que, sob sua aliança, valorosamente resistiu a vários massacres implacáveis. Se os seus inimigos praticassem alguma transgressão, ele não hesitava em castigá-los. Agora que o senhor está enterrado; aquilo que é raramente visto logo é esquecido.

Aqueles bons comuns¹⁴, pela cruz, eu os comparo ao mastro do navio; eles mantiveram a guerra do início ao fim com suas riquezas e bens. Posso dizer claramente que o vento que movia o navio com força eram boas orações¹⁵. Agora a devoção está proscribida e muitos bons feitos foram completamente esquecidos.

Assim este senhor está bem enterrado, mas sua linhagem é da mesma raiz. Um ramo está começando a crescer, e espero que ele seja nosso remédio, para conter seus inimigos sob seu pé e para permanecer coroado como um senhor. Cristo permita que ele assim o seja, que o que é raramente visto não seja esquecido.

Caso aquele ramo desabroche e tenha sabor, seiva e âmago, espero que ele seja renomado e conhecido como um conquistador em muitas terras. Ele é vívido em cada membro para suportar a penosa e extenuante realização de feitos de armas. Cristo permita que assim se suceda, que o que é raramente visto nunca seja esquecido.

E assim eu vos aconselho, de todo o meu coração, que até que este ramo esteja completamente crescido, que cada homem, tanto de alto ou baixo nascimento, seja atencioso e o defenda. Os franceses podem jactar-se, gabar-se e desdenhosamente nos ameaçarem; se formos decadentes e inertes, aqueles raramente vistos logo serão esquecidos.

E assim, bons senhores, tomem em consideração o seu valente rei que morreu em idade avançada, e seu corajoso filho, o príncipe Edward. Não encontraremos dois senhores de tão alta linhagem nesta terra. E agora sua perda começa a esmorecer, e aqueles raramente vistos logo são esquecidos.

Notas

1. Decidimos por não realizar a tradução de nomes e topônimos.

2 Os dois anteriores foram seu avô, Edward I (1239 – 1307), e seu pai, Edward II (1284 – 1327).

3 O monarca compromete-se a governar “de acordo com o direito e a razão, [...] e as questões concernentes a mim e as posses de nosso reino devem ser governadas por um conselho de nobres e de nenhuma outra maneira”. WILKINSON, B. The ‘Political Revolution’ of the Thirteenth and Fourteenth Centuries in England. *Speculum, Cambridge*, v. 24, n.4, p. 509, oct. 1949. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2854635>>. Acesso em: 9 mar. 2015.

4 Segundo Antonia Gransden, um grande número de crônicas escritas durante o reinado de Edward III abordam a guerra de alguma forma, muito provavelmente em consequência das vitórias contra seus inimigos e que assim acabavam por incentivar a produção histórica.

5 Esse texto encontra-se disponível em: <https://www.sfsu.edu/~medieval/complaintlit/death_edward3.html>. Acesso em: 07 mar 2015.

6 Em crônicas do século XIV, seus compositores referem-se à seus contemporâneos de forma mais ou menos homogênea. Thomas Gray afirma que deseja registrar “os feitos dos ingleses” (*lezzgestez dez Englessez*), enquanto que Geoffrey le Baker intitula Henry, pai de Edward I, como “rei dos ingleses” (*regia Anglorum*), termo também empregado por Beda em seu *Historia ecclesiastica gentis Anglorum* séculos antes. A existência e emprego de tal termo não indica necessariamente a concepção moderna de um “povo inglês” dentro de um “Estado-nação”, mas de qualquer forma no período trecentista é possível inferir que os habitantes do reino, em certa medida, partilhavam de valores similares, como a submissão a um mesmo rei e a existência de um idioma vernáculo, se não falado, pelo menos compreendido entre as diversas camadas da população. Esse reconhecimento de seus semelhantes como ingleses, ao menos na região insular, seria realizável devido a uma monarquia unificada e entendida como soberana há vários séculos, a realização de uma tradição histórica que legitimasse a união das diversas regiões sob a égide de uma casa real reconhecida por todos e a longa duração da guerra, que exige a criação de políticas de taxações mais ou menos similares por todo o reino e a formação de tropas com homens de todas as regiões, que não mais lutam entre localidades vizinhas, mas contra inimigos que ganham contornos e características cada vez mais definidos ao passar dos anos. Cf. ALLMAND, C. *The hundred years war: England and France at war, c. 1300 - c. 1450*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 141- 150.

7 Já no século XII ocorria a construção de torres em navios, com a função ao mesmo tempo defensiva e ofensiva observada nos castelos. Na batalha de Acre em 1189, durante a Terceira Cruzada, seu emprego foi decisivo para a vitória dos cristãos contra os muçulmanos. GRAVETT, C. *Medieval Siege Warfare*. Oxford: Osprey Publishing, 1990, p. 57.

8 Uma referência comum ao período era referir-se aos grandes cavaleiros como “flores da cavalaria”. Edward III foi responsáveis pela criação da “Ordem da Jarreteira” (Order of the Garter), que reunia os melhores e mais destacados membros da nobreza guerreira do reino. Seu filho, Edward, o Príncipe Negro, foi contemporaneamente descrito sob tais termos, bem como aqueles que o acompanharam em sua jornada para terras francesas ao final da década de 1350. Cf. *THE LIFE of the black prince: by the Herald of Sir John Chandos*. Edited from the manuscript in Worcester College, with linguistic and historical notes by Mildred K. Pope and Eleanor C. Lodge. Oxford: Clarendon Press, 1910. p. 140.

9 Em referência aos homens de muitas e poucas posses.

10 No sentido militar, carga refere-se ao movimento impetuoso de um corpo de tropas sobre o inimigo.

11 Árvore característica de várias regiões da Europa, que tem por característica marcante ser frondosa.

12 Na sentença original, “bar uphishelm” traz a acepção de que Edward, o Príncipe Negro (*The Black Prince*), deu continuidade a linhagem de um rei guerreiro, que combatia de forma vitoriosa e vigorosa contra os franceses, pois tal verbo pode ser traduzido também como “manter-se firme, aguentar, suportar”

13 Henry of Grosmont (c. 1300 – 1361), mais tarde intitulado como Duque de Lancaster, foi um homem de destaque na sociedade inglesa trecentista. Renomado líder militar, acompanhou Edward III em expedições à França, tendo participado da afamada batalha de Sluys (1340), onde a frota inglesa derrotou seus inimigos francófonos. Aquele nobre também é lembrado pela composição do “Livro dos Santos Remédios” (*Le Livre des Seyntes Medicines*, um texto devocional que apresenta a perspectiva daquele nobre sobre os eventos ligados aos conflitos contra os franceses. Cf. LABARGE, M.W. Henry of Lancaster and Le livre de seyntz medicines. *Florilegium*, v. 2, p. 183-191, 1980.

14 Durante o reinado de Edward III, o conflito contra escoceses e franceses exigiu o dispêndio de avultantes recursos pela coroa. Uma das formas encontradas para levá-los foi a cobrança de impostos conhecidos como *purveyances*, onde agentes do rei comprariam bens móveis pelo preço que determinassem. O que se observou, entretanto, foi o abuso de poder por parte de tais agentes, que segundo relatos contemporâneos, tomavam para si tais bens e deixavam de repassá-los ao rei e as suas hostes. Cf. HARRISS, G.L. King, parliament, and public finance in medieval England to 1369. Oxford: Clarendon Press, 1975, p. 98-127; SANTOS, F.P. Purveyances e o discurso histórico na Inglaterra medieval (1272 – 1377). *Revista História e Cultura*. Franca, SP, v.2, n.3 (Especial), p. 522-538, 2013.

15 Durante o reinado de Edward III, foram emitidos pedidos do próprio rei para que preces fossem feitas em prol de vitórias contra os inimigos do reino. Para uma análise mais detida desta questão, Cf. ABERTH, J. **From the brink of the apocalypse: confronting famine, war, plague, and death in the later Middle Ages**. London: Routledge, 2013. p. 76-78; HEWITT, H.J. **The organization of war under Edward III, 1338 – 62**. Manchester: Manchester University Press; New York: Barnes & Noble, 1966. p. 161-163; JONES, W.R. The English church and royal propaganda during the hundred years war. **Journal of British Studies**, Chicago, v. 19, n.1, p. 18-30, 1979.

Fontes

BEL, J. **The true chronicles of Jean Le Bel: 1290-1360**. Tradução Nigel Bryant. Woodbridge: Boydell Press, 2011.

CHRONICON anonymi cantuariensis: The chronicle of anonymous of Canterbury 1346 – 1365. Tradução Charity Scott-Stokes and Chris Given-Wilson. Oxford: Clarendon Press, 2008.

GRAY, T. **The Scalacronica: 1272-1363**. Tradução Andy King. Durham: Surtees Society, 2005. p. 111.

ON THE DEATH of Edward III. In: WRIGHT, T. (Ed.). **Political poems and songs relating to English history: composed during the period from the accession of Edward III to that of Richard III**. London: Longman, Green, Longman, and Roberts, 1859. p. 215-219

THE CHRONICLE of Lanercost: 1272-1346. Tradução Sir Herbert Maxwell. Glasgow: James Maclehose and Sons, 1913.

THE LIFE of the black prince: by the Herald of Sir John Chandos. Editado em Worcester College, com notas históricas de Mildred K. Pope and Eleanor C. Lodge. Oxford: Clarendon Press, 1910.

The Death of Edward III. In: TUMA, G.W; HAZELL, D. (Ed.). **The wicked age**: Middle English complaint literature in transition. Disponível em: <https://www.sfsu.edu/~medieval/complaintlit/death_edward3.html>. Acesso em: 07 mar. 2015.

Referências

ALLMAND, C. **The hundred years war**: England and France at war, c. 1300 - c. 1450. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 141 - 150.

GIVEN-WILSON, C. **Chronicles**: the writing of history in late medieval England. London: Hambledon and London, 2004.

GRANSDEN, A. **Historical writing in England II**: c. 1307 to the early sixteen century. London: Routledge, 2000. p. 60.

GRAVETT, C. **Medieval Siege Warfare**. Oxford: Osprey Publishing, 1990.

HARRISS, G.L. **King, parliament, and public finance in medieval England to 1369**. Oxford: Clarendon Press, 1975.

HEWITT, H.J. **The organization of war under Edward III, 1338 - 62**. Manchester: Manchester University Press; New York: Barnes & Noble, 1966.

JONES, W.R. The English church and royal propaganda during the hundred years war. **Journal of British Studies**, Chicago, v. 19, n.1, p. 18-30, 1979.

LABARGE, M.W. Henry of Lancaster and Le livre de seyntz medicines. **Florilegium**, v. 2, p. 183-191, 1980.

SANTOS, F.P. Purveyances e o discurso histórico na Inglaterra medieval (1272-1377). **Revista História e Cultura**, Franca, SP, v. 2, n.3 (Especial), p. 522-538, 2013.

WILKINSON, B. The 'Political Revolution' of the Thirteenth and Fourteenth Centuries in England. **Speculum**, Cambridge, v. 24, n.4, p. 509, oct. 1949. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2854635>>. Acesso em: 9 mar. 2015.

WRIGHT, T. (Ed.). **Political poems and songs relating to English history**: composed during the period from the accession of Edward III to that of Richard III. London: Longman, Green, Longman, and Roberts, 1859. p. 215 - 219

Recebido em 21 de junho de 2015
Revisado em 05 de abril de 2016
Aceito em 23 de abril de 2016